

Francisco ESPÍRITO-SANTO  
(Universidade de Aveiro)

**“Itens fonéticos e fonológicos em português e em alemão  
— uma abordagem contrastiva”**

Resumo:

A partir do modelo de análise fonológica de W. VEITH (com referência aos trabalhos de E. TERNES, K. KOHLER e G. MEINHOLD), estudar-se-ão, a nível segmental, os itens sistémicos da língua alemã (tanto de carácter fonológico, tais como o /h/ e o ensurdecimento final com formação de arquifonemas, ou de carácter estritamente fonético, como p. ex. a oclusão glotal e a aspiração de oclusivas surdas em posição inicial e final) que poderão ser causa de interferência e erro no uso da língua portuguesa por falantes nativos de língua alemã.

Inversamente, será também dada atenção aos itens da língua portuguesa inexistentes no sistema fonológico da língua alemã padrão: vogais e ditongos nasais; fechamento de vogais em posição átona; realização velarizada do /l/; oposição entre a vibrante simples /r/ e a múltipla /R/ (incluindo os alofones desta última); palatalização do /s/ e do /z/; fricativação das oclusivas sonoras; as consoantes palatais nasal e lateral.

Abstract:

Based on W. Veith's phonological analysis model (with inputs from E. Ternes, K. Kohler and G. Meinhold), we will study — at the segmental level — the systemic items of the German language (both phonological, such as the /h/ and the devoicing in final position generating archphonemes, and strictly phonetical, e.g. the glottal stop and the aspiration of unvoiced plosives in initial and final position) that may originate interference and error in the use of Portuguese by native speakers of German.

On the other hand, attention will also be given to the items of the Portuguese language which do not occur in the standard German phonological system: nasal vowels and diphthongs; velar realisation of /l/; phonological opposition between the simple vibrant /r/ and the multiple vibrant /R/ (with the allophones of the latter); palatalisation of /s/ and /z/; fricative realisation of voiced plosives; nasal and lateral palatal consonants.

Zusammenfassung:

Ziel dieser Arbeit ist es, Portugiesisch und Deutsch phonetisch-phonologisch miteinander zu vergleichen, indem Portugiesisch als die Fremdsprache betrachtet wird. Besonders berücksichtigt werden die phonetischen und phonologischen Erscheinungen in den jeweiligen Sprachsystemen, die Interferenz bzw. Fehler bei Portugiesisch lernenden, deutschsprachigen Muttersprachlern hervorrufen können (im Deutschen u.a. das /h/ oder die Behauchung stimmloser Verschlusslaute, während im Portugiesischen z.B. die nasalen Vokale und Diphthonge, sowie die Opposition zwischen /r/ und /R/ in Frage kommen).

Francisco ESPÍRITO-SANTO  
(Universidade de Aveiro)

***“Itens fonéticos e fonológicos em português e em alemão  
— uma abordagem contrastiva”***

É no campo da fonética e fonologia que a análise contrastiva se tem revelado como mais profícua. Isto deve-se a múltiplos factores, dos quais se salientam três. Em primeiro lugar, trata-se do campo que, até agora, tem sido objecto dos estudos descritivos mais completos e detalhados.

Em segundo lugar, a análise contrastiva é, aqui, de muito mais fácil demonstração, constituindo um método de descrição e análise de fácil compreensão.

Em terceiro lugar – e agora já numa perspectiva de aplicação, nomeadamente, ao processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira<sup>1</sup> –, a aprendizagem dos “sons”,<sup>2</sup> ainda que dotados de uma estrutura simples, é frequentemente acompanhada por consideráveis dificuldades. É que a pronúncia “correcta” (entendida aqui como obedecendo à norma vigente ou à sub-norma adequada a uma determinada situação comunicativa) é essencial para a aprendizagem competente de uma língua estrangeira. As violações das normas ortoépicas constituem não só os erros mais frequentes, mas também os mais difíceis de corrigir ou mesmo de eliminar.

O objectivo principal da análise contrastiva (no campo da fonética e fonologia) é, pois, verificar quais os fonemas que são idênticos nos dois sistemas linguísticos e quais os que são diferentes ou “faltam” num dos sistemas em relação ao outro. São precisamente estes últimos – inexistentes na língua do aprendente – que têm de ser aprendidos e, portanto, se revestem de especial interesse do ponto de vista de aplicação ao processo de ensino-aprendizagem.<sup>3</sup>

Embora as duas línguas não sejam hierarquizáveis, o processo de análise contrastiva exige que se comece por ordená-las de acordo com a sua função no âmbito da própria análise. Assim:

L1 = Língua de partida ou primária (em contexto de sala de aula: Língua Materna/LM); neste trabalho: o alemão;

L2 = Língua-alvo ou secundária (em contexto de sala de aula: Língua Estrangeira/LE); neste trabalho: o português.

Embora, como se disse, se dê primazia aos fonemas da L2 diferentes ou mesmo inexistentes na L1, a prática demonstra que os fonemas com realização ou articulação semelhante ou mesmo igual são igualmente tidos em conta, dado que a análise contrastiva só é possível depois de concluído o processo global e detalhado de comparação entre os dois sistemas fonológicos.

Vejamos o caso dos sistemas consonânticos alemão e português (Tabela A):<sup>4</sup>

<u>L1 / Alemão</u>				<u>L2 / Português</u>
<b>p t</b>		<b>k</b>		p t k
b d		g		<b>b d</b> g
<b>pf ts</b>				
f s ʃ		<b>x h</b>		f s ʃ
v z				v z <b>ʒ</b>
m n		<b>ŋ</b>		m n <b>ɲ</b>
				<b>ʎ</b>
l				l
r				<b>r</b> <b>R</b>
		<b>j</b>		

Na comparação entre os dois sistemas consonânticos, verificamos que, em cada um, há fonemas que não existem no outro, para além de outros fonemas cuja distribuição alofónica os torna mais complexos do que nos pareceriam numa primeira análise mais superficial (na tabela A, os casos potencialmente problemáticos encontram-se assinalados a cheio). Constatamos igualmente que, em ambas as línguas, estamos perante itens de carácter ora fonológico, ora fonético.

1. Debrucemo-nos sobre os itens do português relativamente ao alemão:

### 1.1. Itens de carácter fonológico

A fricativa sibilante palatal sonora / ʒ/ não faz parte do sistema fonológico do alemão normal. Embora seja realizada em alguns dialectos centro-oeste-alemães, como alofone de /g/ e variante alternativa a [ç] – p. Ex., em {Morge(n)}, {Gege(nd)}, etc. –, e não apresente uma dificuldade articulatória especial, não é identificada, reconhecida como sendo igual a uma fonema alemão e é, portanto, raramente realizada por falantes nativos de alemão, que, em regra, a substituem pela variante surda \*[ʃ]. Mas até na articulação desta última (que tem os mesmos traços distintivos nas duas línguas) nos deparamos com uma diferença, pois, em alemão, o ponto de articulação é mais anterior (pré-palatal) e é realizada com um arredondamento pronunciado dos lábios, o que é transferido para a interlíngua do aprendente de português.

Já as palatais nasal /ɲ/ e lateral /ʎ/ não fazem de todo parte do sistema fonológico alemão, nem sequer como variantes alofónicas, apresentando, por isso, dificuldades consideráveis ao falante de língua alemã, sendo geralmente substituídas pelas sequências \*[nj] e \*[lj], respectivamente.

### 1.2. Itens de carácter fonético

As diferenças de carácter fonético estão presentes nas realizações alofónicas das oclusivas sonoras /b/, /d/ e /g/, assim como da líquida lateral /l/.

Em português, as oclusivas sonoras /b/, /d/ e /g/, em posição medial intervocálica ou entre /r/ e vogal (por exemplo: {lobo}, {fado}, {lago}, {arder}), têm uma realização fricativizada — [β], [ð] e [ɣ], respectivamente —, que alterna com a realização oclusiva nos outros contextos — i.e. [b], [d] e [g]. A realização das variantes fricativizadas (que é normativa em Português Europeu) é claramente um obstáculo difícil de ultrapassar por falantes nativos de alemão.<sup>5</sup>

A líquida lateral /l/ tem igualmente dois alofones posicionais em português — uma variante lateral [l], em posição pré-vocálica, e uma variante velarizada [ɫ], em posição pós-

vocálica —, enquanto o fonema alemão correspondente tem apenas uma realização (sempre lateral) em todos os contextos. Se, do ponto de vista da produção por um falante de língua alemã, este fenómeno implica uma relativa dificuldade, esta aumenta consideravelmente se virmos a questão do ponto de vista inverso, i.e. da recepção/percepção, onde se verificam inúmeros casos de mal-entendidos.<sup>6</sup>

### 1.3. Itens de carácter simultaneamente fonológico e fonético

No contraste entre o português e o alemão, o fonema /R/ apresenta-nos problemas de carácter simultaneamente fonológico e fonético. Embora corresponda ao alofone [R] (hoje em dia predominante) em alemão (e, por conseguinte, apenas seja um pouco mais difícil de realizar por falantes que usem o outro alofone [r] e não estejam habituados ao uso da variante uvular em alemão), o problema maior que coloca ao aprendente reside no facto de, no sistema fonológico alemão, [r] e [R] serem alofones livres do mesmo fonema /r/ (vide infra: 2.3).

Por outras palavras: a oposição entre a vibrante simples e a múltipla não existe em alemão, enquanto que, em português, /r/ e /R/ são fonemas, i.e. unidades constituintes de oposição. E esta diferença fonológica é geradora de potenciais inúmeros erros e mal-entendidos ({caro} vs. {carro}; {pára} vs. {parra}; etc.), mesmo quando o /R/ se encontra em posição inicial e, portanto, em português, a oposição com o /r/ está neutralizada.<sup>7</sup>

Um outro aspecto (mas agora exclusivamente do ponto de vista da recepção/percepção por parte de um ouvinte de língua alemã) reside nos três alofones livres do /R/ em português moderno, ou seja: a vibrante apical múltipla (variante mais antiga e em regressão, embora ainda com distribuição relativamente forte no Centro e Norte do país), a vibrante uvular (hoje em dia predominante) e a fricativa velar (em expansão), cujas realizações — pela sua relativa disparidade quanto ao modo e ponto de articulação — poderão ser causadoras de alguma estranheza e mesmo dificuldade.

## 2. Analisemos agora os itens do alemão relativamente ao português:

### 2.1. Itens de carácter fonológico

Se as africadas surdas /pf/ e /ts/, graças à simplicidade da sua estrutura segmental, não apresentam dificuldades de realização (embora nem sempre sejam entendidas como unidades monofonemáticas), já, por exemplo, a fricativa glotal /h/ se configura como um dos itens mais difíceis para um aprendente falante nativo de língua portuguesa (ou românica, em geral).

É que a sua total ausência (seja como fonema ou como alofone) do sistema fonológico português leva a que não poucos, quando deparam com um enunciado em que o /h/ ocorre, nem sequer o percebem, i.e. nem sequer tenham consciência de que foi realizado pelo locutor nativo de língua alemã (um fenómeno que, aliás, se verifica também na aprendizagem da língua inglesa). Ora, se o fonema /h/ não for identificado, tampouco será realizado pelo aprendente.

Um grande número de aprendentes, embora tenham consciência da existência material do [h], não deixam de sentir dificuldades na sua realização. Ambos os casos, por não se respeitarem as oposições constituídas pelo /h/, são geradores de erro e de dificuldades de comunicação nos dois sentidos (vide infra: 2.2).

Vejamos outro fonema alemão. A fricativa velar surda alemã /x/ tem, desde os finais da Idade Média e inícios da Idade Moderna (“Médio-Alto-Alemão Tardio” e, especialmente, “Pré-Novo-Alto-Alemão”), dois alofones posicionais: o [x] (junto do /a/ e das vogais posteriores, i.e. velares) e o [ç] (em contexto vocálico anterior/palatal e junto das líquidas /l/ e /r/).<sup>8</sup> Ambas as variantes — mas com especial realce para o [ç], que é frequentemente substituído pela sibilante palatal [ʃ]<sup>9</sup> — se têm revelado como obstáculos difíceis de transpor por parte de aprendentes falantes nativos de português.

A nasal velar /ŋ/<sup>10</sup> não existente no sistema fonológico português, apresenta uma dificuldade que (tal como vimos acima no caso do [ç]) é partilhada por alguns falantes nativos de alemão (mesmo cultos): entre os falantes nativos de língua portuguesa, é muito frequente a sua realização como \*[ŋg] ou, pior ainda, \*[ng] (vide infra: 2.3).

A fricativa palatal sonora /j/, por vezes descrita ou referida como semi-vogal, é frequentemente realizada como \*[i] por falantes nativos de português, embora o [j] seja utilizado no sistema fonológico da língua portuguesa, por exemplo, em palavras como {diabo} ou na articulação de alguns ditongos ([aj], etc.).

## 2.2. Itens de carácter fonético

Mas o fenómeno da aspiração (o /h/ era tradicionalmente descrito como uma consoante aspirada) é, no alemão (mais ainda do que na língua inglesa), mais abrangente, pois inclui aspectos puramente fonéticos, i.e. sem que se constituam oposições fonologicamente relevantes. É o caso das oclusivas surdas — /p/, /t/, /k/ —, que, em posição inicial e final são realizadas com aspiração mais ou menos pronunciada — i.e. [p<sup>h</sup>], [t<sup>h</sup>], [k<sup>h</sup>] —, sendo esta uma característica normativa da língua alemã (e perfeitamente audível no teatro declamado ou cantado). Também aqui o aprendente falante nativo de língua portuguesa é facilmente detectável, pois raramente realiza essa aspiração.

Um outro aspecto de carácter fonético, igualmente característico e normativo da língua alemã, é o da oclusão glotal [ʔ] — que os alunos geralmente conhecem por “Knacklaut” —, o qual precede imediatamente toda e qualquer palavra iniciada por vogal (motivo por que N. S. Trubetzkoy o define como “harter Vokaleinsatz”), impedindo qualquer ligação à palavra anterior (especialmente se terminada em consoante). A nossa experiência no âmbito do ensino-aprendizagem do alemão língua estrangeira mostra que este será, porventura, uns dos itens de mais difícil realização por aprendentes nativos de língua portuguesa.

## 1.3. Itens de carácter simultaneamente fonológico e fonético

No capítulo 2.1., fez-se referência à nasal velar /ŋ/ e à sua realização como \*[ng] ou \*[ŋg], esta última comum a alguns falantes nativos de alemão.

Este fonema e a sua realização não-normativa revestem-se de importância neste caso, porque, em posição final, esses mesmos falantes nativos de alemão realizam o /ŋ/ como \*[ŋk]. Isto é: ao realizarem o [g] em contexto final, aplicam um outro item da língua alemã, o “ensurdecimento final” (ou “Auslautverhärtung”, como é geralmente conhecido em Linguística Alemã), i.e. a perda de sonoridade (em especial) das oclusivas sonoras em contexto final, que, através da neutralização da oposição entre surda e sonora, gera assim arquifonemas — /P/, /T, e /K/.

Mas, se ouvirmos com atenção, repararemos que, ao retirarem a sonoridade à oclusiva sonora, são ‘forçados’ a realizar a oclusiva agora surda com aspiração — i.e. não \*[ŋk], mas \*[ŋk<sup>h</sup>].

Relativamente às duas líquidas, temos de as abordar separadamente (como, aliás, fizemos para o português). Como já vimos, o /l/ tem, em alemão, apenas uma realização lateral alveolar [l], pelo que é frequente a transferência da realização velarizada [ɫ], em contexto pós-vocálico, por parte de falantes nativos de português, com ligeiros mal-entendidos daqui resultantes.

O /r/ tem uma distribuição alofónica muito mais complexa por via de disposições normativas recentes, pois até não há muito tempo podia falar-se apenas de variação livre entre [r] e [R], estando a variante uvular em franca expansão desde o final da Segunda Guerra Mundial, em particular com a queda do Nacional-Socialismo, que havia adotado oficialmente a rígida norma SIEBS, a qual prescrevia o uso da variante apical [r]). Hoje em dia, o /r/ tem, pelo menos, três realizações, desde a variação livre entre [r] e [R] em posição pré-vocálica à vocalização normativa em posição pós-vocálica [ʁ] (adquirindo, em certos contextos, o estatuto de vogal não-silábica), e é precisamente esta última realização que é causa frequente de erro pela marcada diferença estrutural relativamente à língua portuguesa.

Abordámos, nesta análise contrastiva entre os sistemas fonológicos consonânticos português e alemão, itens com carácter puramente fonológico, outros de teor fonético/sub-fonémico, outros ainda com carácter misto, i.e. simultaneamente fonológico e fonético.

Independentemente da importância ou da gravidade deste ou daquele erro para uma dada situação ou intenção comunicativa (se há erros que não impedem a compreensão nem perturbam seriamente a comunicação, outros há que, por dificultarem a compreensão ou por constituírem desvios graves à norma, rápida e automaticamente levam à sanção do seu autor), levanta-se uma outra questão: a de quão útil se pode revelar o conhecimento, por parte do aprendente avançado (e, obviamente, do ensinante) do contexto intralinguístico da L2 (quando relevante, numa perspectiva contrastiva ou, em todo o caso, comparada). Este contexto intralinguístico incluirá necessariamente regras fonotácticas e combinatórias, variação diatópica, diafásica e diastrática, em especial quando houver uma interligação estreita entre estes vectores, como é o caso das línguas portuguesa e alemã.

---

NOTAS:



- 1) Apesar das referências frequentes ao processo de ensino-aprendizagem, este é um trabalho de carácter linguístico, e não didáctico.
- 2) O termo “som” é, aqui, usado por ser a realidade materialmente perceptível ao aprendente, mas trata-se, realmente, de estudar fonemas, e não sons.
- 3) Embora se reconheça hoje que os eventuais erros não têm como causa exclusiva as diferenças entre as duas línguas em questão, pois há outros factores igualmente determinantes do erro, o certo é que, na área da fonética/fonologia, os contrastes têm um peso considerável na génese do erro por falantes não-nativos.
- 4) A análise contrastiva dos sistemas vocálicos (monotongos e ditongos) ficará para mais tarde, num artigo a publicar no próximo número dos *Cadernos de PLE*, juntamente com outro artigo na área da grafemática.
- 5) Na região a sul de Hamburgo, o /g/ pode ter, à semelhança do português, uma realização fricativada (por exemplo, em palavras como {Wagen}), mas esta particularidade dialectal é demasiado restrita dentro do diassistema alemão para constituir um auxílio na aprendizagem deste item da língua portuguesa por falantes nativos de língua alemã (os quais, não o esqueçamos, podem ser também, por exemplo, austríacos ou suíços).
- 6) O factor de interferência aumenta ainda mais quando se trata de um falante nativo de português no uso do alemão como língua estrangeira.
- 7) O que leva Morais Barbosa (Universidade de Coimbra) a falar de um arquifonema /R/ em posição inicial.
- 8) Não tendo em conta o subsistema dialectal do alemão superior (e, em particular, do alemânico), onde o /x/ ainda apresenta apenas uma realização velar [x].
- 9) Curiosamente, esta substituição do [ç] pelo [ʃ] é comum a muitos alemães provenientes da zona renana e saxónica, que tradicionalmente não realizam o [ç].

Contudo, esta será, fundamentalmente, uma questão a tratar no âmbito da normalização da língua alemã (refira-se, neste contexto, o nome de Orrin Robinson, da Universidade de Stanford, California, EUA, além de nós próprios) e que não deverá ser desenvolvida neste artigo, embora haja um ou outro aspecto que se repercutirá inevitavelmente no contexto do processo de ensino-aprendizagem do alemão (não só) como língua estrangeira.

- 10) O /ŋ/ resulta de um processo complexo de fonemização de um alofone posicional do /n/, com início em finais do Médio-Alto-Alemão Tardio: velarização do [ŋ] em posição pré-velar — i.e. n[g, k —, seguida de assimilação do [g] e redução a uma única consoante nasal velar [ŋ], que passa a assumir valor distintivo ao constituir oposição fonológica relativamente ao fonema de onde proveio, o /n/ (por exemplo, no par mínimo {singen} /zɪŋən/ ≠ {Sinnen} /zɪnən/).

BURGSCHMIDT, Ernst, GÖTZ, Dieter. 1974. *Kontrastive Linguistik Deutsch / Englisch*. Theorie und Anwendung. München: Hueber Verlag.

DIELING, Helga. <sup>5</sup>1992. *Phonetik im Fremdsprachenunterricht Deutsch*. Berlin: Langenscheidt.

MEINHOLD, G. 1973. *Deutsche Standardaussprache — Lautschwächungen und Formstufen*. Jena: Wissenschaftliche Beiträge der Friedrich-Schiller-Universität Jena.

—————, STOCK, E. 1980. *Phonologie der deutschen Gegenwartssprache*. Leipzig.

REIN, Kurt. 1983. *Einführung in die Kontrastive Linguistik*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.

TERNES, Elmar. 1987. *Einführung in die Phonologie*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.

VEITH, Werner H. <sup>2</sup>1980. “Phonemik”, in *Lexikon der Germanistischen Linguistik* (LGL), ed. p. Hans-Peter Althaus et al. Art. 10, pp. 129-137. Tübingen: Niemeyer.